



**Universidade Federal da Bahia**  
**Instituto de Biologia**



**Comunidade na Gestão do Parque de Pituacú:  
Aquilombamento Urbano na Defesa do Território**

Salvador  
2025



**Universidade Federal da Bahia**  
**Instituto de Biologia**



Isabela da Silva Caldas Rodrigues

**Comunidade na Gestão do Parque de Pituaçu:  
Aquilombamento Urbano na Defesa do Território**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado  
ao Instituto de Biologia da Universidade  
Federal Bahia como exigência para obtenção  
do grau de Bacharel em Ciências Biológicas

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr Maria Aparecida José  
de Oliveira

**Salvador**  
**2025**

PÁGINA DE AVALIAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

**Data da Defesa:** 04/02/2025

**Banca Examinadora**

---

**Profª Drª Maria Aparecida José de Oliveira**

Instituto de Biologia - UFBA

---

**Prof. Dr. Miguel da Costa Accioly**

Instituto de Biologia - UFBA

---

**Poliana Gonçalves Souza**

Diretoria de Pesquisas e Estudos Ambientais  
Secretaria de Meio Ambiente

**Dedicatória**

“Dedico a todos aqueles  
que são guerreiros de natureza  
e puros de coração”

*Vulgo Sagaz*

## Agradecimentos

Agradecer é sempre oportunidade de reconhecimento e reencontro, sou grata por assim ser.

Agradeço ao Cósmico por me fazer girar nessa eterna espiral e me colocar de volta ao meu lugar um degrau mais alto na jornada da vida.

Agradeço meus filhotes, Luísa e Antônio motivos porque nunca desisti e nem desistirei. Saibam que o mundo não vai nos impedir de ser quem somos simplesmente porque Aquele que nos deu cada dom é, em si, nosso Eu maior e o vento sempre sopra a favor dos nossos sonhos!!

Sonhem alto SEMPRE, o Cósmico faz o chão aparecer. Cro Maat!

Agradeço aos meus pais, seu Zé que me ensinou a ler o mundo e dona Sonjinha por colocar sua beleza libriana nele. Aos meus irmãos que me empurram sempre na direção certa e inda me deram sobrinhos que amo tanto: Chico, Lilica e Yuri.

Agradeço ao meu quilombo aldeia: a Rede Afetiva de Pituaçú, irmãs e irmãos que fazem acontecer a vida melhor no hoje, a partir dos afetos que afetam!! 

Agradeço grandão aos irmãos de Bio: As “Lendas” com quem tenho orgulho de partilhar um mundo mais lindo; aos Agrofloresteiros por floreSer todo dia; a Rede PANC Bahia pelas vivências, confiança e amor e em especial agradeço ao querido Paulo Leão, que com o olhar de Águia tornou possível a volta ao meu caminho e há mais de 20 anos partilha dele.

Agradeço àqueles e àquelas que acreditam na Gestão ambiental, no SUS e na Educação, militantes ativistas de um Brasil democrático e participativo.

E liberto, de coração, a UFBA pelas dores nesses 12 anos de espera.

*Ho opononopo. Avancemos!!*

*Om Shanti, Shanti, Shanti. Sri grupió Namah. Hari Om!*

## RESUMO

A gestão das áreas de preservação ambiental encontra diversos desafios. Os múltiplos usos, responsabilidades e interesses tem potencial para gerar conflitos entre gestão, comunidades e empresas/instituições interessadas na área. O objetivo do presente trabalho de conclusão de curso é apresentar o processo de elaboração do Plano de Manejo do Parque de Pituaçu, impulsionado pelo Festival Alternativo de Pituaçu. O trabalho seguiu uma abordagem qualitativa dividido em uma fase de caráter descritivo outra em campo com coleta de dados primários a partir entrevistas. Foram convidados a participar do estudo moradores do entorno, gestores, empreendedores locais e instituições interessadas no manejo do Parque Metropolitano de Pituaçu localizado em Salvador - Ba. Os aspectos éticos foram respeitados de acordo com as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. A análise dos dados foi realizada com vistas à descoberta de núcleos de sentidos voltada a descrições objetivas, sistemáticas e qualitativas do conteúdo da comunicação. Nas comunidades do território do entorno do Parque de Pituaçu, alguns espaços, instituições e organizações se articulam de forma semelhante a ideia do auto cuidado e auto fortalecimento através do aquilombamento regidos a partir de relações de resistências e afetos. O processo de construção da gestão participativa no território de pituaçu é desafiador e as comunidades estão aprendendo a fazer fazendo. Espera-se o que os resultados desta pesquisa possam contribuir e estimular a participação das comunidades na gestão de seu território em consonância com os objetivos de preservação da sociobiodiversidade local.

**Palavras- Chave:** Gestão ambiental; Aquilombamento; Saúde ecossistêmica

## Abstract

Managing environmental preservation areas can be a challenge nowadays. The multiple uses and interests have the potential to generate conflicts between management, the community and companies/institutions interested in the area. The objective of this course conclusion work is to present the process of preparing the Pituaçu Park Management Plan, driven by the Pituaçu Alternative Festival. The work followed a qualitative approach divided into a descriptive phase and another field phase with primary data collection from interviews. Surrounding residents, managers from both central management and Park administration, local entrepreneurs and institutions interested in managing the Pituaçu Metropolitan Park located in Salvador - Ba were invited to participate in the study. Ethical aspects were respected in accordance with Resolutions 466/2012 and 510/2016 of the National Health Council. Data analysis was carried out with a view to discovering nuclei of meaning focused on objective, systematic and qualitative descriptions of the content of the communication. In the communities in the territory surrounding Pituaçu Park, some spaces, institutions and organizations resemble the idea of self-care and self-strengthening of quilombamento governed by relationships of resistance and affection. The process of building participatory management in the pituaçu territory is challenging and communities are learning to do it by doing. It is hoped that the results of this research can contribute and encourage the participation of communities in the management of their territory in line with the objectives of preserving local socio-biodiversity.

**Keywords:** Environmental management; Aquilombamento; Ecosystem health

## Sumário

Introdução	9
Justificativa	10
Objetivo Geral	13
Objetivos Específicos	13
Materiais e Métodos	14
Resultados e Discussão	16
Cronologia ação comunitária na gestão do parque	17
O Aquilombamento em Pituaçu: gestando a gestão	40
Conclusões	43
Considerações Finais	47
Referenciais Bibliográficos	49
Anexos	52
Apêndices	56

## 1. INTRODUÇÃO

A gestão das áreas de preservação ambiental encontra diversos desafios nos dias atuais. Além da própria estrutura destas unidades de conservação que muitas vezes requer recursos financeiros cuja disponibilidade muitas vezes são insuficientes para a demanda, necessitam também de um esforço conjunto dos múltiplos atores envolvidos no processo: gestão, usuários, comunidades e a iniciativa privada de forma a conciliar os interesses sobre o local (ALMEIDA, 2018).

A Constituição Brasileira, em seu artigo 225 considera que “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”. Claro que reconhecer este direito não é o mesmo que garanti-lo e a criação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC em 2000, a partir da Lei 9985 e do Decreto 4340, de Agosto de 2002, vem definir as formas de concretizar esta garantia (BRASIL, 2000;2000a) Apesar de estar descrita na legislação (BRASIL, 2000), a participação das comunidades na gestão muitas vezes é um nó crítico uma vez que estas nem sempre estão apropriadas dos instrumentos de gestão, não ocupam os espaços garantidos a elas ou mesmo tem interesses diversos daqueles da unidade (HONORA, 2018). O processo nestes termos pode gerar conflitos ou dificultar as relações entre as populações do entorno das áreas de preservação e a gestão destes espaços (WWF-BRASIL, 2012).

No entanto, sobretudo na chamada “era da comunicação”, a comunidade quando bem instrumentalizada consegue ocupar seus espaços na gestão de forma contributiva com o órgão ambiental auxiliando-o até no aprendizado de “como trabalhar com o povo”, nos dizeres de Paulo Freire (Freire, 1972). Assim sendo, o objetivo do presente trabalho de conclusão de curso é apresentar o processo de elaboração do Plano de Manejo do Parque de Pituacú impulsionado pelo Festival Alternativo de Pituacú.

## 2. JUSTIFICATIVA

Para a compreensão do espaço-território em que se insere um parque urbano há que se considerar os marcos históricos em que foi constituído, a população local e as demarcações que sofreu. Assim sendo, a cidade de Salvador pode ser dividida administrativamente em 12 Distritos sanitários (TEIXEIRA, 2007), dentre eles, o da Boca do Rio, no qual se situa o parque metropolitano de Pituaçu.

*“O Distrito Sanitário Boca do Rio (DSBR) tem 14,53 km<sup>2</sup> de área total e apresenta vinculação do seu território com duas Prefeituras-Bairro, Barra/Pituba e Itapuã/Ipitanga, com sua maior extensão territorial localizada nesta última. Limita-se a nordeste com o DS Itapuã, a sudoeste ao DS Barra/Rio Vermelho, a noroeste ao DS Cabula/Beirú e ao norte o DS Pau da Lima. O DSBR apresentou 0,866 de IDHM em 2020, o que é considerado nível muito alto de desenvolvimento.”*

(BAHIA, 2022)

O povoamento do território foi iniciado ainda no período colonial e desde o século XIX teve na atividade pesqueira sua maior vocação. Mas uma história de revolução também remonta das origens coloniais. A praia da Armação, conhecida como Chega-nego, foi um dos maiores pontos de chegada de negros sequestrados de África servindo para o desembarque clandestino de escravizados durante o período em que o tráfico oficial foi proibido (SALVADOR, 2022), e muitos destes conseguiram sua libertação a partir de irmãos quilombolas que vinham do Quilombo Cabula tomar “de assalto” pessoas escravizadas e leva-las a viver em liberdade no Beirú.

Durante muitos anos, a pesca de baleias, xaréu e outros animais foram o principal foco de atração de pessoas para o território povoado de comunidades pesqueiras, em sua esmagadora maioria de pessoas pretas. Nos anos 60, em meio a repressão da ditadura, o território foi morada de muitos revolucionários contra-culturais e se tornou palco de movimentos musicais de importância nacional como a “Tropicália” e os “Novos Baianos” Além disso vale ressaltar a construção da Escola de Circo “Picolino” que há 40 anos resiste na orla de Pituaçu, as primeiras barracas de praia naturistas e acolhedoras ao público LGBTQIA+, entre outras tantas personalidades que cantaram a mudança, carregaram suas bandeiras e deixaram como legado uma comunidade que

torna-se reduto cultural expressa no próprio nome da Praia dos Artistas (BOCA DO RIO CULTURAL, 2012).

O parque metropolitano de Pituauçu é considerado um espaço urbano de elevada beleza cênica e alto valor urbano-ambiental para a cidade de Salvador. Ele foi criado pelo decreto Nº 23.666, de 04 de setembro de 1973 e tinha, em sua área inicial:

*“A oeste, pela faixa de domínio da avenida Luis Viana Filho, partindo do seu ponto de cruzamento com o Rio Cachoeirinha, até atingir a Avenida Prof. Pinto de Aguiar; Ao Norte, prosseguindo pela faixa de domínio da Prof. Pinto de Aguiar até alcançar a Avenida Otávio Mangabeira; Ao Sul e a Leste, por uma linha que acompanha o limite ou extremidade da represa de Pituauçu, distando sempre cem metros em projeção horizontal da referida represa, medidos na sua máxima cheia, alcançando toda sua extensão.”*

(BAHIA, 1973)

Por localizar-se num dos principais vetores de crescimento urbano, e dado a expansão da cidade, esta poligonal diminui consideravelmente ao longo dos anos, e a área do parque reduziu-se a pouco mais de 390 hectares (BAHIA, 2021). A população do entorno realiza no parque atividades de recreação, cultura, educação ambiental, pesca, uso da flora para cunho religioso, medicinal, entre outras, e marcando presença ao longo dos anos inclusive com registros de experiências de autogestão do mesmo frente a falha dos instrumentos de gestão institucional (BAHIA, 2021).

Dentre estes usos destaca-se a realização, por parte da comunidade local, suas ONGs, instituições de esporte, cultura, saúde e educação, de um festival anual com duração de três dias realizado em setembro desde o ano de 2017, o Festival Alternativo de Pituauçu,. Para que este festival comunitário ocorresse em harmonia com os benefícios para o parque e para a comunidade foi necessário estabelecer um diálogo mais próximo entre os diversos atores envolvidos e equalizar suas diferenças.

O presente trabalho pretende relacionar como estes conflitos de interesses e a necessidade de uma regulamentação das atividades da comunidade dentro do Parque de Pituauçu foram ingredientes que apoiaram a organização e institucionalização de um grupo de entidades que atuavam no entorno do parque, além disto provocaram a reativação do Conselho Gestor do

mesmo e, sobretudo culminaram na elaboração coletiva do Plano de Manejo do Parque de Pituaçu com técnicos do próprio órgão ambiental exigindo e possibilitando também uma qualificação específica a esta demanda destes trabalhadores.

### **3. OBJETIVO GERAL**

O objetivo do presente trabalho de conclusão de curso é apresentar o processo de elaboração do Plano de Manejo do Parque de Pituacú impulsionado pelo Festival Alternativo de Pituacú.

### **3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Descrever o processo de reativação do Conselho Gestor do Parque de Pituacú;
- Descrever o processo de elaboração participativa do Plano de Manejo do Parque de Pituacú e suas contribuições, também, para o órgão Ambiental;

## **4. MATERIAIS E MÉTODOS**

O presente trabalho de conclusão de curso segue uma abordagem qualitativa do tipo pesquisa dividida em uma fase de caráter descritivo a partir de pesquisas bibliográficas nas bases de dados Scielo e Periódicos CAPES e de materiais secundários, e outra fase em campo com coleta de dados primários com entrevistas, a partir de instrumento semi estruturado (em anexo). Foram convidados a participar do estudo moradores do entorno, gestores tanto da gestão central, quanto da administração do Parque, empreendedores locais e instituições interessadas no manejo e gestão do Parque Metropolitano de Pituacú localizado em Salvador-Ba. Foram incluídas as pessoas e instituições envolvidas no Conselho Gestor e na elaboração do Plano de Manejo do Parque de Pituacú e excluiu-se as pessoas e instituições que não tenham interesse em participar da pesquisa bem como aquelas que não estiveram envolvidas na elaboração do Plano de Manejo do Parque.

O projeto dessa pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética da Universidade Federal da Bahia para avaliação e só teve início após a sua aprovação de acordo com sob o número CAAE 80359324.8.0000.5531. Os dados obtidos a partir das entrevistas são sigilosos garantindo a privacidade e confidencialidade das informações sobre os entrevistados para garantir sua integridade. Os aspectos éticos foram respeitados de acordo com as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde respeitando-se os pilares da ética em pesquisa.

A etapa de coleta de dados primários foi realizada através de entrevistas que ocorreram, em sua maioria, no Parque Metropolitano de Pituacú, local central para a comunidade, mas também em locais previamente acordados com os (as) entrevistados (as), da forma que foi mais cômoda para os (as) mesmos (as). A seleção de participantes se deu por conveniência já que a autora esteve em reuniões do Conselho Gestor e abordou conselheiros presentes, além disso, através da técnica de Bola de Neve, estes participantes indicaram outros possíveis participantes, de forma a chegar ao número possível de entrevistas, dado o tempo decorrido entre a solicitação ao CEP, a efetiva liberação da pesquisa, a greve ocorrida na UFBA durante a realização da mesma e a data limite da apresentação do presente trabalho de conclusão de curso.

Estas entrevistas foram realizadas por meio de instrumento elaborado pelas autoras, com questões semiestruturadas (em anexo) de forma a permitir a livre expressão dos sujeitos nas respostas. No ato das entrevistas, foi apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE (em anexo), no qual constam todos esclarecimentos sobre o projeto e a coleta dos dados. O mesmo foi lido pela autora para o(a) participante e assinado pelos mesmos antes das entrevistas, de forma a esclarecer, caso haja, qualquer dúvida pertinente a pesquisa. A gravação em vídeo das entrevistas também foi solicitada por meio de assinatura do termo de autorização de imagem e som (em anexo) garantindo a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, dentre outros, que são direitos e garantias dos participantes de pesquisas com seres humanos.

A temática das entrevistas contém blocos de variáveis relativas a instituição a qual pertence, tempo de atuação no parque, variáveis sócio demográficas entre outras. Além disso, foi agregado um bloco de questões abertas e respostas de natureza qualitativa de forma a contemplar questões mais subjetivas sobre a percepção dos (as) entrevistados(as) acerca do tema.

A análise dos dados foi realizada com vistas à descoberta de núcleos de sentidos voltada a descrições objetivas, sistemáticas e qualitativas do conteúdo da comunicação (BARDIN, 2008). A análise temática foi realizada em três etapas: 1) pré-análise, na qual foi realizada a organização e preparação do material; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados.

O presente estudo não se propõe a analisar profundamente as questões que envolvem a participação comunitária ou ausência desta na gestão de parques urbanos uma vez que há limitação de tempo e financiamento para a conclusão do processo de graduação.

## **5. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Foram entrevistadas 17 pessoas: 6 delas representantes da comunidade, 5 empreendedores locais e 6 representantes do poder público. Foram 8 mulheres e 9 homens, 70% (12 pessoas) possuem curso superior e/ou pós graduação, 6 pessoas fazem parte do Conselho Gestor do Parque Metropolitano de Pituacú, contemplando todas as categorias do mesmo. Além disso, apenas 4 deles, todos do segmento gestor/poder público, não são moradores do território. A construção dos resultados sobre o Festival Alternativo se deu com base nas falas dos entrevistados, a partir das imagens disponíveis nas redes sociais do próprio festival, nos demais materiais divulgados pela chamada Rede Afetiva, bem como pelos materiais e vivências da própria autora que também é moradora do território e atora deste processo. Atribuiu-se aos entrevistados números para preservar sua identidade nas citações de trechos de entrevistas presentes neste trabalho.

Na história da ocupação e delimitação do parque, muitas pessoas foram retiradas do território a partir da poligonal estabelecida no início dos anos 70 quando de sua criação, a partir do Decreto Estadual nº 23.666, de 04 de setembro 1973. Muitas histórias também foram desconsideradas neste processo, como a da tão conhecida “Maria das Cabras”, a última a sair do parque oficialmente. Essa senhora, matriarca da comunidade, era uma benzedeira, criadora de cabras, que curava, também espiritualmente, de muitos moradores mais antigos, deixou sua coragem, resistência e poder de enfrentamento, marcados no lugar.

A vivência comunitária também é uma marca profunda do território, e carrega a ancestralidade preta: grupos de capoeira, terreiros de umbanda e candomblé, a pesca artesanal em canoas, grupos que se alinhavam para construção de suas vidas. Além disso, ocupação deste espaço por estas pessoas se dá pela vivência, enquanto parte das suas vidas como um espaço simbólico onde se vivenciam subjetividades, não apenas um espaço geográfico.

Por outro lado, dada sua localização estratégica, o Parque desperta interesses imobiliários para a construção de casas, desde as pequenas habitações sem reboco do Alto do São João quanto de grandes condomínios da Avenida Pinto de Aguiar. Também é área de interesse de faculdades particulares da cidade que desejam este espaço verde para suas aulas e

coletas, grupos religiosos bastante distintos inclusive em sua relação com a natureza local, praticantes de esportes, entre outros desejos e grupos.

Desta forma sempre foi necessário articular as visões deste território e muitas foram as tentativas de criar um Conselho Gestor tripartite, forma instituída pelo SNUC (2001) para a gestão de parques. Este conselho nunca saía do papel sendo insipiente a participação da comunidade e mesmo da gestão em seu funcionamento.

Na fala de um entrevistado:

*“procuram se beneficiar deste parque, a defesa deles não é a da comunidade vem da especulação imobiliária, tem um desequilíbrio mas os empresários, construtores, moradores do condomínio de luxo tem outras vontades a visibilidade econômica e estas pessoas tem outras facilidades de participar das reuniões e isso desequilibra a participação efetiva da comunidade” 1.*

## 5.1 – CRONOLOGIA AÇÃO COMUNITÁRIA NA GESTÃO DO PARQUE

A mudança da relação da comunidade com o CG ocorreu em 2016 quando foi apresentado um projeto de construção da chamada Avenida Atlântica inicialmente anunciada em 2010 no Plano Salvador Capital Mundial (SALVADOR, 2016) e através de uma emenda foi incluída no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano - PDDU. Esta avenida passaria por dentro do parque para chegar á paralela (Av. Luís Viana Filho), a comunidade foi ás ruas exigir que o projeto fosse abandonado e, desta mobilização, surgiu o Movimento Viva o Parque de Pituacú e gerou uma audiência pública, realizada em 18/05/2017.



Imagem: CMS, 2017

Como descreve um entrevistado:

*“(...) o Conselho foi reinstalado em 2016 no movimento Viva o Parque de Pítuaçú na luta contra a Avenida Atlântica que ia passar dentro do parque e este movimento uniu as pessoas e entidades em prol da defesa do parque na construção do PDDU. O objetivo é que a voz da comunidade esteja presente nas decisões do governo do Estado” 2*

Em 2017 algumas destas pessoas defensoras do parque nas lutas ambientais e culturais integrantes de grupos que atuavam no parque, diariamente estavam reunidas ao redor da Capoeira Angola do Mestre Boca do Rio. O Mestre e seu grupo, o Zimba, desenvolviam seu trabalho com adolescentes e crianças do bairro, muitas delas vindas de famílias bastante vulneráveis.

As mães então se uniam para preparar lanches para as crianças, seus filhos maiores buscavam os filhos das vizinhas, compravam coletivamente fardamento e apoiavam o trabalho do mestre voluntariamente. Foi quando chegou ao bairro um novo morador que, apesar de não ter experiência com lutas sociais ou ambientais, era produtor cultural recém formado, também trazia seu filho para treinar, passou a frequentar e se encantar, com o Parque e sua comunidade.

Nas conversas dessas ele percebeu que todas ocupavam o parque com trabalhos e artes, como com as Danças Circulares da A Doce Sina, esquetes de teatro da ONG Bumbá, corrida e grupos de danças de mulheres do Viva o Parque , ciclismo no Pedal da Lua cheia, espetáculos de Palhaçaria da Cia Pé na Terra entre outros, o que o estimulou a provocar que essas pessoas se juntassem para fazer um Festival, onde trariam os trabalhos da comunidade num único final de semana para trazer visibilidade para o parque. A ideia foi abraçada por todas e passou-se a contatar mais pessoas e instituições que também ocupavam território e a ideia foi tomando corpo.

Na fala de uma gestora:

*“A comunidade está muito presente dentro do parque, o que não é muito comum (morar) as pessoas conhecem o lugar e desenvolvem diversas atividades ali, sejam ligadas a saúde, arte e cultura e a parte ambiental mas mais forte cultura, lazer.. essa comunidade tem muito a dizer sobre o parque.*

*“E com certeza tem ideias, sugestões que podem e devem ser aplicadas de forma muito direta.” 3*

As reuniões, realizadas no parque, logo ficaram cheias e a ideia de trazer visibilidade para a luta em defesa do parque através da nossa cultura e fazeres locais uniu a comunidade. No entanto, apesar de muita abertura da gestão local, por parte da articulação comunitária, muitos eram também os entraves para conseguir qualquer tipo de apoio do órgão ambiental.

As instituições e organizações da comunidade, em sua maioria, não eram legalmente constituídas ou tinham registros não atualizados, o Conselho Gestor tinha poucos representantes que efetivamente representassem a comunidade, o acesso a recursos, solicitações e outros apoios não foram possíveis e o órgão ambiental não reconhecia o movimento.

Na fala de uma entrevistada sobre a inclusão da comunidade pela gestão:

*“(...) é possível na teoria, mas não cabe muito, tanto da comunidade, vejo que sempre é mais dos órgãos públicos e das empresas. Eles precisam ter interesse em agregar as ideias e ações realizadas pela comunidade. É uma questão de interesse mútuo, a comunidade tem interesse. Resta saber se os órgãos públicos vão respeitar, agregar, treinar, capacitar as pessoas com conhecimento porque isso tudo é muito importante.” 4*

Mesmo assim, o primeiro Festival Alternativo, como batizado pelo idealizador, e com o tema Viva o Parque de Pituacú, foi realizado, com muito esforço coletivo mesmo causando alguns mal-estares importantes entre comunidade e gestão.



Imagem: Rede Afetiva de Pituacú

Para homenagear “Chico” um macaco que vivia na mata do parque e tinha desaparecido depois que uma casa de show começou a funcionar lá dentro, foi escolhido como mascote do Festival: um macaquinho sagui, símbolo

de resistência, alegria e resiliência que estampou as camisas dos integrantes da organização.

A abertura foi no Circo Picolino na sexta feira, um cortejo cultural pelas ruas do Território foi realizado pela ONG Bumbá no sábado e a culminância se deu Domingo no Parque. O Festival Alternativo – FA reuniu cerca de 2000 pessoas e contou com quase 30 atividades entre esportivas, circenses, teatro, dança, saúde, exposições fotográficas, rodas de conversa entre outras, em sua maioria absoluta, puxada por moradores da comunidade do entorno e suas instituições. Houve também participação de instituições de Itapuã, parceiras de lutas.

A realização foi totalmente apartidária e colaborativa, fez-se rifas, vaquinhas e ofícios pedindo apoio para as universidades, empreendedores locais e moradores. Essas doações chegaram em forma de caronas ou fretes, empréstimos de som e estruturas do circo, “quentinhas” e frutas que serviram de apoio para os artistas, as crianças e a organização, entre outros. Uma universidade particular do território, por exemplo, usou a doação para revitalizar as barracas e uniformes dos ambulantes que faziam parte da feirinha de artesanato que funcionava no parque, formada por moradoras do território que tinham sua renda a partir destas vendas.



Imagens: Festival Alternativo



Imagens: Festival Alternativo

Por outro lado, a comunidade percebeu também a necessidade de formalizar suas instituições para ocupar os espaços de discussão como o Conselho Gestor com a chegada de novos, e atuantes, membros e voluntários (as).

*“Daí começamos a cultivar que alguns dos integrantes da Rede conquistaram cadeiras ali, que eram empreendedores locais e tal ali da comunidade ocupassem cadeiras do Conselho Gestor.”<sup>4</sup>*

*“E não adianta querer culpar as pessoas, as comunidades, elas são criadas deste jeito, já começa da escola, a educação está sucateada essa aí já é um indício de como está este investimento, não se está investindo no capital intelectual das pessoas. Então no campo do ideal seria possível mas na verdade não se tem interesse disso e os poderes continuam perpetuando uma única maneira de fazer.”<sup>1</sup>*

*“Também as instituições começaram a se estruturar, se formalizar”<sup>5</sup>*

No embalo da mobilização e a partir da percepção de que era necessário manter-se em atividade no parque, em 26 de Novembro do mesmo ano foi realizada, em uma das instituições que funcionam no parque, a Escologia, a primeira edição da vivência “PretoAçú” em alusão ao Novembro negro com discussões sobre racismo ambiental e o PDDU, além de outra mostra da potência local com desfile de moda, danças, capoeira e roda de samba. O

pensamento era de envolver cada vez mais as pessoas, os coletivos e criar uma rede de suporte para as atividades uns dos outros.

*“O desenvolvimento é fundamentado no pensamento sintético, e o envolvimento é fundamentado no pensamento orgânico. Então logo começa a se ver aqui que as pessoas vão logo pensando cada vez mais diferente.” (BISPO, 2022).*

Já em 2018, o coletivo resolveu que a temática era debater que parque queriam, uma vez que o Estado mantinha a comunidade afastada das discussões e bastante fechado para as propostas apresentadas por esta de uma possível agenda cultural para o ocupar o Parque. As dificuldades da administração em aceitar as contribuições soavam quase racistas, havia um formato “pré-definido” de que tipo de eventos eles ‘pensavam’ para o parque, e a comunidade, por ter seus modos, não se enquadrava neles.

A partir da percepção de um entrevistado:

*“É importante a consciência de pertencimento ao território. Os processos de convivência desenvolvem o senso de pertencimento da comunidade para que trabalhem conjunto em prol de objetivos da comunidade.” 6*

Na fala de Nego Bispo:

*“Enquanto a sociedade se faz com os iguais, a comunidade se faz com os diversos. Nós somos os diversos, os cosmológicos, os naturais, os orgânicos. Se os humanos querem sempre transformar os orgânicos em sintéticos, os orgânicos querem apenas viver como orgânicos, se tornando cada vez mais orgânicos. Para os diversos, não se trata de desenvolver, mas de envolver.”*

*(BISPO, 2022)*

Além disso, resolveu-se também no II Festival Alternativo - FA, apoiar o Circo Picolino, que, aos mais de 30 anos de atividade, com a mudança de cidade do seu fundador, havia perdido forças e estava bem pouco ativo.

*“O Festival ocupa o bairro e a comunidade como um todo, entra no Parque, entra no Circo, na Escologia, nos pólos que a comunidade dispõe.” 7*

Para a comunidade este circo atuava como fomentador na formação artística e comunitária de jovens e crianças em situações de vulnerabilidade. Formou muitos artistas que tiveram destaque, inclusive internacionalmente, indo para fora do país, atuar em grandes circos.



Com o tema “Festival Alternativo: Um outro parque é possível”, a Rede Afetiva realizou a segunda edição do FA, no mesmo formato abertura com roda de conversa no Circo, Cortejo cultural, que dessa vez caminhou por mais ruas levando faixas de protesto, música, rodas de capoeira coletiva, palhaçaria, denúncias sobre racismo ambiental e muita arte de protesto e beleza, e a culminância ocupando os espaços do Parque.

Ao final desta edição, apresentou-se para o Conselho Gestor um portfólio com as duas edições, buscando sensibilizar os gestores e conselheiros de que esta agenda cultural se fazia necessária e que o Festival é uma realização da comunidade para a comunidade na defesa de seu bem viver.

*“(...)o governo institucionalizou o parque porém a comunidade nunca se afastou daquele cuidado. O cuidado com seu território. Os órgãos do governo precisam ter mais respeito com as intervenções da comunidade, para essa preservação.*

*Valorizar isso, estruturar com recursos também, apoio financeiro apara que seja feito de forma digna pelas pessoas”5*



Imagem: Festiva Lente - Rede Afetiva, 2018

O FA, encerrado com a música das Ganhadeiras de Itapuã, mostrou, mais uma vez a união entre os parques e suas comunidades. Durante o ano de 2018 e 2019 os laços entre as entidades que se uniam para realizar os Festivais se fortaleciam, uma instituição apoiando o trabalho da outra, prestigiando seus feitos, caminhando junto.

*“Sim, teve sim uma discussão das ações do Festival não ficarem restritas só ao parque. O parque é comunidade também, apesar de ter as cercas. Entender sobre ser uma perspectiva mais sócio ambiental.”*

*“Eu vejo que foi uma Rede formada por esse movimento a ideia era promover uma rede entre as instituições. Essa rede ela existe, ela acontece. As redes são fundamentais para a sobrevivência de qualquer comunidade em um bairro, né?” 8*



Imagem: Festival Alternativo

A ideia do FA ano três foi a de mostrar a força ancestral da comunidade atuando em rede e a sua continuidade com seu território, abrindo seleção para a realização de 10 dias de oficinas, um Fórum Pré Festival. E assim foi feito. Liderado principalmente pelas mulheres, daquilo que se começou a chamar de Rede Afetiva de Pituacú, o Fórum Festival, ocupou muitas entidades, escolas e

instituições do território trazendo arte, saúde, esporte, empreendedorismo, saúde, beleza, culinária e etc. Foram cerca de 30 atividades, todas voluntárias, mediadas pela Rede Afetiva.



Imagens: Festival Alternativo

E nessa terceira edição, chamada Pituauçu Solo Sagrado, a Rede Afetiva apresentou para todos os visitantes na roda central sobre o tema do ano, um manifesto (em anexo), construído a muitas mãos como forma de externalizar sua revolta, apresentar-se enquanto organização comunitária propositiva e denunciar a exclusão das suas falas na gestão do Parque.

Assim a camiseta com a Logomarca do Festival e o clássico 'Sagui Rasta' foi estampada com a frase: "Eu apoio a cultura no Pituauçu", e muitas pessoas, sobretudoicineiras, também compraram e usaram a camisa apoiando a discussão. Assinaram a participação deste ano cerca de 30 entidades, conforme trecho do Portfólio da própria Rede Afetiva (abaixo).



### O Pituáçu em Rede Afetiva se fortalece pelo afeto dos coletivos:

- Ateliê de Beto Rasta
- Afro Box
- A Doce Sina – Terapias Integrativas
- Bike Anjo – Ciclismo Socio-Ambiental
- Bloco Afro Malê Debalê – Projeto Sou Malezinho
- Boom Criativa Produção e Comunicação
- Banda Cria Nativa
- CAS – Casa de Artes Sustentáveis
- Cia Palavra de Passarinho – Música, Poesia e Palhaçaria
- Cia Pé na Terra - Circo Palhaço Educador
- Circo Picolino – Escola de Arte Circense
- Cri Levada – Boca do Rio
- EcoAr – Escola de Tecidos Acrobáticos
- Ecologia - Escola do Desaprender
- Grupo de Capoeira Casa Grande
- Grupo de Capoeira Guetto
- Grupo Zimba – Capoeira Angola
- Gu@na
- Luis SlackLine - esporte é vida
- ONG Bumbá – Escola de Formação Artística
- ONG Gambá - Grupo Ambientalista da Bahia
- Planta Nativa
- Portal das Danças Circulares Sagradas
- Scooby Sistema de Som
- SOS Vale Encantado - Grupo Ambientalista
- Surf Solidário - Incentivo ao Esporte e Cidadania
- Terreiros de Candomblé
- Viva o Parque de Pituáçu - Defesa Ambiental



Imagem: Festival Alternativo

O ano de 2020 surpreendeu a todo o planeta com uma pandemia: a Covid-19. O parque, como todas as instituições mundiais, fechou as portas e a quarentena foi instaurada. Esse impacto foi sentido com muita força pelas comunidades do entorno, uma vez que essas pessoas dependiam de trabalhos não formais como guardadores de carro, babás e, claro, vendedores ambulantes.

As entidades da Rede Afetiva, encabeçados pela ONG Bumbá, começaram a se articular frente a fome que já se instalava no território. Com o lançamento da campanha “Fazer o bem só faz bem”, iniciou-se um processo de arrecadação de cestas básicas, produtos de higiene e limpeza para socorrer

aos mais necessitados do território. Toda a estratégia foi sendo articulada de forma a adquirir esses produtos de mercadinhos locais para também movimentar o comércio local. Com o apoio de entidades nacionais, conseguiu-se também montar cestas agroecológicas com produtos comprados diretamente dos produtores do interior do estado, que também vendiam seus produtos na feirinha agroecológica “Dona Nem” que funciona no estacionamento do Circo.

A campanha foi um sucesso e durou muitos meses arrecadando e distribuindo toneladas de alimentos para a comunidade e tecendo afetos. Começou-se também a pensar em estratégias de segurança alimentar para nossa comunidade, aprofundando o tema em reuniões e se articulando coletivamente na construção de uma horta comunitária no bairro.



### Imagens: Festival Alternativo

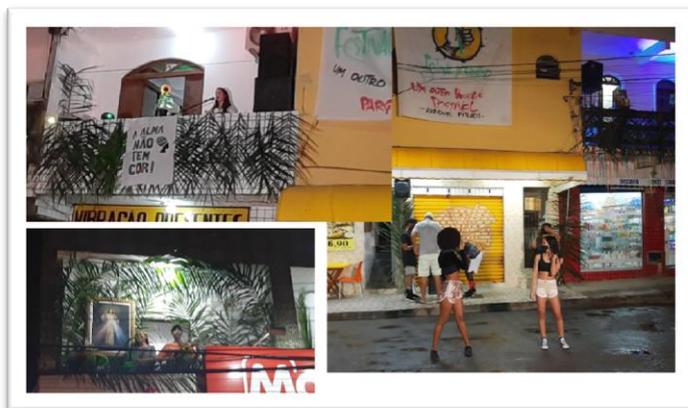


Além disso, como não podia deixar de ser, a estrutura do Festival precisou ser repensada, a Rede Afetiva decidiu realizar o FA ano 4, mas de forma a respeitar os protocolos de segurança. Utilizando como plataformas as redes sociais, elaborou-se uma programação on line de lives e rodas de conversa, gravou-se cerca de 20 vídeos com as programações de músicas, práticas integrativas e complementares, aulas de yoga e danças entre outras possíveis.



Tudo isso produzido e editado voluntariamente pelas instituições da própria Rede com destaque para a empresa de design gráfico Boom Criativa que ensinou às outras pessoas a fazer cards, edições de vídeos, lives e outros usos para as ferramentas virtuais.

Mas o desejo coletivo, e já tradicional, de ir às ruas trazendo a voz da própria comunidade, fortalecer as pessoas vulneráveis e trazer a arte para as ruas do território, fez com que fosse criada uma programação especial tanto para o cortejo, com todas as pessoas usando máscaras, álcool e seguindo as normas da OMS, quanto para o domingo do parque. Assim, foi criada uma programação mais enxuta onde os artistas se apresentaram das janelas e sacadas num “JanelArte”, com pouca divulgação para evitar aglomerações, com ponto de arrecadação de alimentos e com a transmissão simultânea do evento pelas redes da Rede. Com o tema “Festival Alternativo: Tecendo Novas Primaveras”, o sonho de seguir juntos para um futuro mais justo e saudável, foi realizado mais uma vez.



A pandemia foi um marco na organização da comunidade, mesmo em 2021 o parque ainda permanecia fechado e, através de integrantes da Rede Afetiva que faziam parte do Conselho Gestor, soubemos da intenção do Governo Federal e anuência do Governo Estadual, de concessão do Parque à iniciativa privada. Isto gerou verdadeira revolta e a comunidade foi às ruas da orla a cidade, parando o trânsito para exigir a reabertura e para denunciar o que entendiam ser a privatização do seu espaço público.



Imagens: Festival Alternativo

Além disso, estudando a legislação, a Rede Afetiva de Pituaçu começou a cobrar do Estado, através do órgão ambiental, que o SNUC fosse cumprido, ou seja, que fosse feito o Plano de manejo - PM do parque antes mesmo de se pensar em qualquer processo de concessão. O trecho: *“Após a criação de uma UC, o plano de manejo deve ser elaborado em um prazo máximo de cinco anos.”* (SNUC, 2000) passou a ser fala uníssona da comunidade em todos os espaços, publicações nas mídias, flyers, e, claro nas reuniões do CG.

*“É importante que a gente cumpra a Lei, assegure o controle social pela população e a participação efetiva da sociedade civil na construção de qualquer forma de gestão do parque e do seu entorno.”* 9

*“o órgão gestor precisa fazer um diagnóstico do local não apenas de gestão pública, a lei assegura que precisa fazer a identificação das necessidades reais sócio econômicos, políticos e culturais. direito cidadão nosso. Para ter voz e vez e as deliberações precisam vir da sociedade civil”* 9

Convocou-se a comunidade de toda a cidade a se posicionar e manteve-se a informação sobre os debates da concessão através de muitas fontes como a coluna “Papo reto”, puxada pelo movimento “Viva o Parque de Pituaçu”, rodas de conversa nas Universidades públicas, faixas e cartazes que foram levados até a capital nacional.





O movimento teve também destaque em muitos jornais e canais de TV da cidade pressionando a gestão a abrir espaço para a discussão. Assim, a primeira reunião do CG, realizada depois da pandemia contou com participação massiva da comunidade. Nesta reunião alguns integrantes de uma empresa paulista interessada na concessão, se ofereceram para apresentarem seus estudos e se colocarem como empresa que poderia elaborar do Plano de Manejo do PMP.

Sob intensa revolta da comunidade eles foram excluídos da reunião, uma vez que não faziam parte do CG, nem do território, nem mesmo estavam como ponto de pauta da reunião ordinária. Por maioria absoluta e sob palmas de toda a comunidade, solicitou-se, oficialmente em ata, que o órgão Gestor cumprisse a Legislação e elaborasse o PM do Parque antes de se pensar em qualquer proposta de concessão (ATA CG, 2021).

*“ Até que seja elaborado o plano de manejo, todas as atividades e obras desenvolvidas nas unidades de conservação de proteção integral devem se limitar àquelas destinadas a garantir a integridade dos recursos que se objetiva proteger(...) (SNUC, 2000)*



Simultaneamente, e já comemorando a reabertura do Parque, a RA preparava a 5ª edição do “Festival Alternativo: O Parque é de Todos Nós”. Este Festival retomou o modelo dos anteriores, com um dia a menos, uma vez que o circo estava passando por uma reestruturação. Foi mais uma edição marcada por arte, cultura, saúde, beleza e protesto. A comunidade, por sua vez, acompanhou de perto as movimentações do Estado acerca da proposta de concessão e da elaboração do PM, foi convocada por uma equipe técnica para uma Reunião preparatória da elaboração conjunta do documento.

Depois desta, durante o mês de outubro do mesmo ano de 2021 seguiram-se oficinas, inicialmente virtuais, mediadas pela gestão conjunta SEMA INEMA, que criou uma equipe técnica para cuidar do PM. As convocatórias, tal como se segue, foram amplamente divulgadas:

*Prezados(as),*

*Dando continuidade ao processo de elaboração do Plano de Manejo do Parque Metropolitano de Pituáçu sob responsabilidade do Estado da Bahia, através da Secretaria do Meio Ambiente – SEMA e do Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos – INEMA, vimos informar que a próxima atividade "**Oficina Prévia**" acontecerá no dia 29/10/2021 (das 09 h às 17 h, de forma virtual).*

*O Plano de Manejo é o documento de gestão da Unidade de Conservação que reúne as informações que definem seus usos, suas zonas, seu planejamento futuro e suas restrições, conforme Lei Federal nº 9.985/2000 e Lei Estadual nº 10.431/2006.*

*O objetivo dessa Oficina Prévia é a construção de propostas de regras e restrições dos usos permitidos no PMP identificados na Etapa anterior – Reunião Preparatória.*

*Este processo está sendo coordenado pelos técnicos da SEMA e do INEMA, numa perspectiva de **construção coletiva**. Nesse sentido é fundamental que você continue conosco nesse processo.*

*Sua participação é muito importante!*

*Atenciosamente,*

*Equipe Técnica - Plano de Manejo do Parque Metropolitano de Pituáçu*

Como estas reuniões aconteciam em horário comercial, e/ou exigiam domínio das as tecnologias virtuais, muitas pessoas da comunidade não conseguiam acompanhar. Assim, a Rede Afetiva se organizou, já no início de 2022, realizando algumas reuniões nas comunidades para trazer os assuntos debatidos, explicar o plano, comentar impressões e, acima de tudo, ouvir as pessoas para que suas falas fossem levadas nas próximas oficinas.



Imagens: Festival Alternativo

O ano de 2022 para a comunidade do território foi permeado pela discussão do PM, da concessão e as ameaças ao parque público. Isso uniu ainda mais a comunidade e as ações das entidades que compunham a RA. Realizaram-se diversas atividades em muitas instituições com destaque ao fortalecimento da Escologia, um projeto cultural sediado nos limites entre a ciclovia do parque e a comunidade do Alto do São João com trabalho social, de formação, educação e esportes no bairro desde a década de 80, mas com o falecimento do seu idealizador e, sobretudo depois da pandemia, vinha sem forças para realização das atividades. Pessoas desta comunidade também eram artesãs, educadoras e se uniam para realizar ações no espaço do projeto.



Imagem: Festival Alternativo

Além disso, dando continuidade nas ações para movimentar o Circo Picolino e para levantar fundos para o Festival, foi realizado um bazar, com a união das pessoas e instituições da comunidade com apresentações musicais,

circenses, venda de feijoada, roupas e outras atividades. O tema escolhido foi “Festival Alternativo: Florescendo na Resistência” aludindo a essa força necessária para superar o pós pandemia e viver o chamado ‘novo normal’.



Imagens: Festival Alternativo



Já em 2023, mais fortalecidas, registradas e regulares, as instituições começaram a ganhar destaque sendo contempladas com editais de projetos públicos. Assim, algumas pessoas puderam ter mais tempo de dedicar-se a elas, já que o dinheiro é um dificultador das ações comunitárias.

Na fala de uma entrevistada:

*“Só consigo pensar nas atividades via edital, de forma a realizar as atividades que banquem para esses parques públicos atividades culturais para que elas tenham e possam disputar de produtos culturais.” 12*

Cada uma dessas entidades também já se tornara parceira das outras e as ações eram sempre articuladas sem choques de datas, de forma a crescer junto. A Horta comunitária feita nos arredores da Escolologia unindo entidades era um ponto forte de luta e proposição, trazendo formação e universidades foi, inclusive tema inspirador do Mestrado em Ciências farmacêuticas da autora deste trabalho, participante dela. A comunidade chegava mais perto também, prestigiando e contribuindo, os idosos, os mais velhos, aqueles que conheciam as histórias, ofertando apoio e presença nas ações e projetos.

Outra parceria que merece destaque foi a participação, mais uma vez de entidades de Itapuã, como a Escola de Samba Unidos de Itapuã e do São Bartolomeu com Pierrôts do bairro de Plataforma, na cidade baixa. Além disso, pessoas de povos e comunidade tradicionais moradoras do Território como indígenas Kaimbé Massacará e comunidades de terreiro também propuseram atividades para este Festival.



Assim, entendendo esse crescimento, o tema escolhido foi “Festival Alternativo: Fortalecendo nossas raízes” reconhecendo a importância desses saberes e homenageando às pessoas que há anos lutavam pela preservação do parque e valorização da comunidade. A mesa central reconheceu muitas dessas pessoas, que receberam uma muda de Pau Brasil (*Paubrasilia echinata*, (Lam.) Gagnon, H.C.Lima & G.P.Lewis,) de presente.

O projeto de concessão do parque foi arquivado pelo Estado, que reconheceu a importância das oficinas de elaboração do Plano de Manejo, para o qual foi necessário capacitar seus técnicos, uma vez que estes nunca tinham feito um Plano deste tipo, relegando à iniciativa particular este serviço. Esta capacitação e o sucesso na elaboração do plano com ampla participação da comunidade e do CG, fez com que, no mesmo ano de 2024 uma segunda turma de formação de moderadores para elaboração de PM de unidades de

conservação fosse realizada pelo INEMA, multiplicando e capacitando mais técnicos neste tipo de serviço pioneiro.



Imagens: Festival Alternativo

*“A gente via que este conselho tem muitas pessoas da comunidade e que ocupavam as cadeiras, inclusive em dois perfis de empresários e moradores e que se identificavam mais com determinado perfil.”<sup>10</sup>*

*“Não há como se pensar gestão sem esses três pilares estarem envolvidos. O conhecimento prático, do local, tb teórico legislativo por parte da comunidade que tb tem e que o poder público que tem a atribuição de elaborar as políticas públicas tb e por outro lado a iniciativa privada que tem como viabilizar isso através de recursos, projetos”<sup>11</sup>*

*“Esse é o papel da gente enquanto órgão. E de vocês enquanto diálogo”<sup>10</sup>*

*“A comunidade participou muito ativamente, a gente via falas quase uníssonas nas salas do que vocês queriam e pensavam. Teve uma reunião com 88 participantes.”<sup>3</sup>*

*“A pressão social foi que fez a gente ter que ser capacitado para atuar. Nunca tinha tido nenhuma formação para esse tipo de trabalho, é o primeiro plano que fazemos e foi muito forte participar dele, colocamos nosso coração lá também. Foi um sucesso! Esta semana mesmo vamos finalizar o segundo curso de formação para mediadores de Planos de Manejo.” 15*

Com a publicação do PM do Parque, a comunidade ficou mais próxima do CG e os conselheiros sentiram-se também mais preparados e fortalecidos.

*“Na medida em que a comunidade é chamada para a participar do parque, para contribuir com o parque ela também cuida do parque.” E.*

Durante 2024 foram apresentados em reuniões do CG os trabalhos de Mestrado de duas moradoras do Território e integrantes da Rede Afetiva, que tinham como temática as tecnologias usadas pela comunidade para se estruturar e se fortalecer.

*“me sinto capacitado hoje, se atuo com segurança como arte-educador aqui na comunidade foi essa escola que me ensinou” 5*

Como diz o adágio representado pelo ideograma Adinkra Sankofa evocado pela comunidade em suas discussões e na temática de 2024, 8ª edição do FA:

*“ Se você não sabe para onde ir comece de onde veio”*

Esses Adinkras representam um pássaro mítico que olha para trás, mas voa para a frente e carrega um ovo em seu bico como representação do futuro.

*“(...) significa algo parecido com “volte e pegue” ou “voltar para buscá-la”, nos ensinando o valor de aprender com o passado para a construção do presente e do futuro.” (IPEAFRO, 2018).*



Por se tratar de um território que pertenceu aos indígenas e tem em sua maioria da população pessoas pretas, essas ancestralidades vem sendo guias para as lutas da comunidade. E as reflexões sobre as ações e a forma de articulação que a RA vem desenvolvendo ao longo do tempo, de forma leve, mas incisiva e articulada, fez com que a temática escolhida para o ano fosse

Festival Alternativo: Pituassú Kilombo Brincante, como alusão aos indígenas e negros ancestrais do território Piaçaveira, nome antigo do território.



E, no mesmo ano, encabeçadas por um dos integrantes dela, começaram a ser feitas reuniões de formação para Educação para o Aquilombamento, puxadas por um coletivo, hoje nacional de educadores. Essas ações também vêm sendo feitas nas escolas do território com a valorização da cultura afrocentrada, afrobetização, difusão da Capoeira Angola e da Kemetic Yoga nos espaços de forma mais premente, realização de rodas de conversa e muitas reflexões sobre o tema.



Imagens: Educadores para o Aquilombamento

## 5.2 – O AQUILOMBAMENTO EM PITUAÇÚ: GESTANDO A GESTÃO

Quando buscamos a compreensão das formas de sobrevivência das pessoas negras do país, desde a sua forçosa chegada nos sequestradores navios escravagistas, sempre que possível (seja pela fuga, alforria ou qualquer outra circunstância) elas se organizavam coletivamente em espaços de vivência social que foram denominadas quilombos (NASCIMENTO, 2002). Muito oposto ao que se costumou acreditar, estas comunidades não se organizavam apenas para atacar e reagir violentamente aos opressores, mas eram estruturas de auto valorização, apoio e redes de afeto, visando melhores condições de vida para estas pessoas (GONZALES, 2018).

Abdias do Nascimento (2002) considerava que nestes espaços se desenvolvia um sistema diferente do habitual, com relações livres, solidárias e coletivas entre a população negra daquele período que se organizava assim para viver em comunidade: “Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial” (NASCIMENTO, 2002).

Já a escritora Conceição Evaristo (2020) entre outros autores contemporâneos, entendem que o “quilombo” não é algo que ficou no passado, uma vez que se mantém presente nos espaços urbanos, sobretudo periféricos, como lugar de afeto e fortalecimento, acolhida e conhecimento, criadas pelas populações negras vulnerabilizadas em certos contextos da atualidade (EVARISTO, 2020). Beatriz Nascimento (1980) estudiosa do tema, afirma que por mais que um sistema de poder predomine, é sempre possível que se criem sistemas alternativos, “poder produz contra poder” e esta tecnologia de (sobre)vivência é o que chamamos de “aquilombamento urbano” (NASCIMENTO, 1980).

Nas comunidades do território da Boca do Rio e no entorno do Parque de Pituaçú, alguns espaços, instituições e organizações se assemelham a essa ideia do auto cuidado e auto fortalecimento de aquilombamento regidos a partir de relações de resistências e afetos. Estas instituições também se aproximam umas das outras, pois tem em comum a necessidade de (sobre)viver no território do Parque, da necessidade de sua preservação e manutenção enquanto espaço público de saúde, lazer, segurança alimentar e econômica.

*Desse modo, o aquilombamento historicamente contido com meio da formação de quilombo, resurge no debate atual ressignificado como a tecnologia ancestral e social essencial para a sobrevivência das identidades culturais negras, podendo ser incorporado por meio de práticas artísticas e ativismo político, demonstrando as potencialidades nas ressignificações de territórios e transformações sociais*  
(SOUTO, 2020)

O antropólogo Kabengele Munanga, em sua obra "Negritude: usos e significados" de 2019 destaca que os movimentos negros brasileiros sempre se organizaram em torno das necessidades de reivindicações em diversas esferas sociais, de forma a enfrentar as pressões de uma sociedade bastante ancorada uma ideologia de supremacia branca (MUNANGA, [1986] 2019; KILOMBA, 2019). O que se pôde perceber nos enfrentamentos com a gestão, segundo os entrevistados, é que a comunidade precisou se unir de forma organizada para enfrentar opressões e ocupar seus espaços em seu corpo-território: o parque de Pituaçú.

*(...) o conceito de corpo território reconhece que os corpos negros são receptáculos das lutas e reivindicações dos movimentos, constituindo-se como uma dimensão espacial simbólica afrodiaspórica*  
(NASCIMENTO, [1985] 2006).

As pessoas da comunidade também não se uniram nesta rede por afinidades ou laços de amizades/parentescos, sua união se deu ante seu sentimento de pertencimento ao território, utilizaram – se do que aqui se propõe a chamar de quilombismo nos dizeres de Evaristo (2020), como tecnologia social.

*“O movimento de se aquilombar reverbera na composição de paisagens simbólicas, elementos e signos de afeto que continuamente promovem a função de pertencimento(...)”*  
(EVARISTO, 2020)

Os debates sobre o território nos estudos sobre as cidades e seus processos de urbanização ainda geram muitos conflitos, tanto epistêmicos quanto materiais, visto que a apropriação deste é central para a construção de identidades. É preciso compreender o exercício do poder, quem o controla,

como símbolos e vínculos nos espaços habitados. No caso do Parque há a função de espaço de sobrevivência, criação de símbolos culturais e formação de vínculos afetivos (MONTEIRO; ALMEIDA, 2019).

O Conselho gestor é um destes espaços de disputa de poder e a comunidade precisou compreender e se apropriar dele para forçar a máquina a funcionar.

*“é de fundamental importância a formação do conselho  
mas a gente já pratica políticas sociais públicas,  
de pertencimento a gente com nosso conhecimento histórico-cultural  
de comunidade”<sup>3</sup>*

*Pessoas da sociedade civil que se mobilizaram para ocupar o conselho gestor que estava abandonado. Foi aí que conheci o movimento. Não gosto de partido político, não sou afiliada em nada mas acho que a gente precisa entender essa máquina pública para exercer nosso direito de sociedade civil e ocupar espaços públicos que são de nosso direito.”*

Para a comunidade apropriar-se do território nunca foi uma questão, o parque é para eles seu quintal e espaço sagrado, a organização do Festival Alternativo e secundariamente ao Quilombo Rede Afetiva foi uma forma de mostrar para a gestão que estavam ali para também “gestar” esse Parque.

*“com as atividades do Festival a gente começou a levar as atividades que a gente fazia, formalizando assim as nossas atividades culturais para documentar da nossa forma o que a gente estava fazendo, como direito de uma sociedade carente de cultura. Meio que engatinhando mas estamos ocupando, estando ali”<sup>5</sup>*

*“a maior ação é que o Festival trouxe foi essa conexão mais forte com os atores, as pessoas que atuam no parque. O maior legado disso nem é o Festival, criou uma rede de afetos que afetam (como você gosta de falar, Bela) e que isso ficou espelhado no Plano de Manejo nossa maior salvaguarda”<sup>4</sup>*

## 6. CONCLUSÃO

No nosso país muitos parques ainda não tem PM sob a alegação de que são muito dispendiosos uma vez que são processos complexos, demorados e exigem um grande número de informações e envolvimento que nem sempre estão disponíveis na maioria das áreas verdes. Mas, mesmo com todas as barreiras para a elaboração e implementação aconteceram alguns avanços metodológicos nos últimos anos (CASES, 2012; HONORA, 2018).

Parte deste processo está diretamente ligado a decisões políticas de gestores mais ou menos comprometidos, bem como a pressão da participação popular nos espaços de discussão sobre seu território, como os CG. A gestão de parques deve contemplar a discussão territorial sob várias abordagens: a biológica, a econômica, a social e precisa ser transdisciplinar onde todos os saberes importam e contribuem. O CG, espaço privilegiado deste exercício é o responsável por acompanhar a elaboração, implementação e revisão do PM quando couber (art. 20, inciso II, Decreto no 4.340/2002).

Bourdieu 1992, considera que as relações de convívio na sociedade são sempre arrolamentos de poder que dependem do capital material ou simbólico acumulado pelos agentes. O PM do PMP simboliza esse pertencimento e, além de documento técnico, é compreendido pelas pessoas de todos os segmentos como baliza para salvaguardar o parque. A mudança do entorno foi acompanhada por novos arranjos sociais como vem acontecendo nas comunidades do território do PMP, bem como pode trazer aprimoramento técnico e mesmo pessoal, para o órgão ambiental como vem ocorrendo no INEMA e SEMA.

*“o plano foi um ganho para o parque, as dificuldades existem mas é um norte para este parque trás o desejo das pessoas deste parque” 16*

*“o plano foi uma imersão de conhecimento e temos hoje uma vitória que é o plano de manejo”2*

*“é um dos motivos de continuar na cadeira do CG, as ações para que aconteça é a sociedade tomar sua posição nestes espaços, depende muito de cada pessoa e de como defende seus direitos” 2*

*“o PM é a maior conquista nestes anos de participação social e de luta coletiva é um documento que tem poder de Lei! E precisamos louvar a participação da comunidade na construção dele. Ele é a nossa salvaguarda maior e a gente precisa colocar isso em todas as pautas que estiverem discutindo as intervenções que vierem a acontecer no parque de Pituaçu.”*<sup>13</sup>

Este processo de aprendizado partilhado permeia nossa história na circularidade dos povos ancestrais, podendo ser visto na capoeira, nas comunidades de terreiros, nas rodas de samba, maracatu e toré, mesmo que na história, dita oficial, grande caracterizadora da identidade coletiva, esses saberes dos povos não tenham sido contados pelos colonialistas, uma vez que a história é produto de uma ideologia dominante ele é também objeto de manipulação discussiva desta classe e seus interesses (ROCHA, 2018).

*“são pessoas representativas do território. Teve reunião com 88 pessoas. Pessoas realmente dali do parque. E tem pessoas muito qualificadas para essa gestão, pessoas da comunidade que tem formação e sabem fazer”*<sup>3</sup>

*“participei deste processo do PM com muita garra, com muito amor de colocar ali as nossas ideias e as nossas falas as ações que foram efetivas. Junto comigo, que ninguém anda só o Pituaçu em Rede e pessoas de muitas instituições.”*<sup>4</sup>

O Festival é a expressão máxima desta fala da comunidade para a comunidade e para a cidade:

*“hoje é o evento maior, o momento maior do parque, trás essa integração, desejo das pessoas e um envolvimento umbilical, valorização dos artistas e comércio local, o Festival é a bússola do parque como entretenimento, diversão, dignifica o parque! É uma coisa local, muito prazerosa de ver que participa, quem executa, é uma coisa fantástica. Não vejo o Pituaçu sem este Festival”*<sup>1</sup>

*“ a vida artística aqui em Pituaçu ganhou sentido, os artistas, os ateliês, a acreditar na nossa forma de fazer arte, de ver, pois existe esse foco aqui: o Festival”*<sup>16</sup>

*“O Festival Alternativo surge como esse espaço para ações coletivas, palco de denúncias, com suas matrizes estéticas quilombolas, indígenas que estão sempre em reconhecimento. O Festival nesse ponto se apresenta como teatralidade, uma vez que este espaço foi organizado para o olhar e fomentar ainda mais ação, neste ponto, todos agem simultaneamente como atores e espectadores.” 13*

*Em plena pandemia a gente fez um desfile que foi extremamente significativo, respeitando as normas de segurança, com máscaras e tal mas passando por baixo das casas dos moradores. É um momento que integra os moradores, a nossa cultura, envolve as instituições que vibram para a transformação desses habitantes desse território. O FA é muito bonito! Muito potente!” 7*

*“ O Festival Alternativo teve o poder de formar o coletivo que é hoje o mais atuante que é o Pituaçú em Rede escola de formação, arte, cidadania, a gente forma um coletivo muito forte, uma faculdade de cultura, arte e educação ambiental. É um resultado muito expressivo! Trouxe uma visão maior de educação, arte, cidadania, a gente aprende muito junto”5*

*“ O Festival conectou a gente ao Fórum Social Mundial e a muitos outros coletivos de Abaeté, São Bartolomeu no projeto Parques em conexão a gente conseguiu juntar os três parques, uma coroa junta que defende seus territórios e trocam saberes e referências, os resultados vem pelas relações humanas que vem se mantendo” 4*

*Acho que é o evento mais agregador que o parque tem e envolve tanto a parte social quanto ambiental e esse olhar precisa ser visto também pelo Estado de cima para baixo para entender o quão importante é esse Festival.” 16*

*“Depois do Festival Alternativo a gente conseguiu muito mais força, muito mais gás para fazer as coisas, né? Percebo as instituições que fizeram seus corres de legalização e formalização pós Festival, ocupando mais o parque de Pituaçú e as ruas ali perto do parque.” 8*

No entanto, uma vez que as decisões que incidem sobre o meio ambiente e as comunidades são decisões políticas, são estas também que precisam acontecer na defesa deste mesmo meio ambiente e dos povos. Não

mais a partir de uma episteme eurocentrada colonialista que usou essa política para silenciar as comunidades, mas da forma como faziam nossos ancestrais, e que aprendemos e expressamos em tantos quilombamentos na história do país: coletivamente. Aquilombar-se remete à luta contínua, não pelo direito a sobreviver, mas pelo de existir em toda a sua plenitude. Nos ensinamentos de Bispo:

*Os seres estão começando a falar em autogestão. Estamos em um momento muito especial. Falamos de cosmologia em vez de falar de teoria ou ideologia. Falamos de território, em vez de falar de fábrica. Falamos de aldeia, quilombo e terreiro, em vez de espaço de trabalho. O mundo do trabalho não é mais o mundo em debate, não está mais impondo a pauta, está sendo substituído pelo mundo do saber, pelo mundo do viver.”*  
(BISPO, 2022)

O processo no território de pituassú é desafiador e as comunidades estão aprendendo a fazer fazendo. Há atrito e discussão como em qualquer ajuntamento humano e sofremos as mesmas dores. Mas sublimamos as diferenças, pois sabemos nosso inimigo comum. E também aprendemos que a nossa força está no coletivo, em partilhar os saberes, o mestre disse que a melhor maneira de guardar os produtos de nossas expressões é distribuindo entre a vizinhança, tudo o que fazemos é orgânico, somos corpo-território o parque não é nosso, ele é “nós”.

E viva a rua! Laroîê!

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência de apropriação dos instrumentos de gestão ambiental pela comunidade, especialmente do Conselho Gestor num processo que aqui chamamos aquilombamento, ainda é um fenômeno recente, mas mostra a potência e os ganhos para todos os envolvidos e, principalmente para a preservação do Parque de Pituaçu.

O processo de elaboração do Plano de Manejo (documento anexo) foi longo e demandou um enorme exercício de democracia e participação. Seus resultados ainda estão sendo vivenciados no momento, ano de 2025, quando do acompanhamento das obras de requalificação do parque em vigor no presente. E a comunidade vem acompanhando o processo com atenção, amparados pelo documento legal.

Espera-se o que os resultados desta pesquisa possam contribuir e servir de exemplo de manejo e gestão participativa de outros parques urbanos do país, bem como inspirar mais pesquisas acerca da temática, de forma a garantir e estimular a participação das comunidades na gestão de seu território em consonância com os objetivos de preservação da sociobiodiversidade local.

Além disso, pretende-se produzir materiais pedagógicos a partir dos dados coletados, de forma a ser apresentado a coletivos e a comunidades acerca da importância da participação de todos no manejo de seu território, ocupando de forma efetiva e mais qualificada seu espaço na gestão do mesmo.



“Me chamarão subversiva e lhes direi: eu sou!  
Por meu povo em luta vivo  
Com meu povo em marcha vou”

Dom Pedro Casadágua

## 8. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

1. ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. (Coleção Femininos Plurais) ed. Pólen, 2018.
2. BAHIA. Decreto Nº 23.666, de 04 de setembro de 1973. **Cria o “Parque Metropolitano do Pituaçu”, em área de terreno situada a margem da Av. Luiz Viana Filho.** Disponível em <http://www.seia.ba.gov.br/sites/default/files/legislation/Dec23666.pdf>. Acesso: Maio 2024.
3. \_\_\_\_\_. **Plano Municipal de Saúde de Salvador 2022- 2025**. Disponível em: <http://www.saude.salvador.ba.gov.br/plano-municipal-de-saude-2022-2025/>. Acesso: Abril 2024.
4. \_\_\_\_\_. a. **Resolução nº 5091 – Aprova o Plano de Manejo do Parque de Pituaçu**. Secretaria de Meio Ambiente do Estado da Bahia. 2022. Acesso: Abril 2024.
5. BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
6. BISPO, A. B. S. **Colonização, quilombos modos e significados. Antônio Bispo dos Santos**. Ministério da cultura, Brasília 2015
7. Blog Boca do Rio Cultural. **Casa da Memória da Boca do Rio**. Disponível em <https://nossabocadorio.blogspot.com/>. Acesso Novembro, 2024.
8. Bourdieu, p. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992
9. BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
10. BRASIL. **Sistema Nacional de Unidades de Conservação- SNUC**; Lei 9.985 de 18 de julho de 2000; Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9985.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9985.htm). Acesso: Maio 2024
11. \_\_\_\_\_. Decreto Nº 4.340, de 22 DE agosto de 2002. **Regulamenta artigos da Lei no 9.985, de 18 de julho de 2000, que dispõe sobre o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC**. Disponível em: [https://www.icmbio.gov.br/parnaguimaraes/images/stories/legislacao/decreto\\_Federal-2002\\_04340.pdf](https://www.icmbio.gov.br/parnaguimaraes/images/stories/legislacao/decreto_Federal-2002_04340.pdf) Acesso: Maio 2024.
12. \_\_\_\_\_. IBGE. **Relatório Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html> Acesso: Abril, 2024.

13. CASES, M. O. **Gestão de Unidades de Conservação: compartilhando uma experiência de capacitação.** Realização: WWF-Brasil/IPÊ– Instituto de Pesquisas Ecológicas. Organizadora: Maria Olatz Cases. WWF-Brasil, Brasília, 2012.
14. FREIRE, P. **Como trabalhar com o povo.** Manuscritos. Memorial Virtual Paulo Freire19.. Disponível em: <https://www.acervo.paulofreire.org/items/3bb322c0-5f48-44d0-b0e0-1f17a5cc56d9>
15. GONZALEZ, L. **Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras.** São Paulo: UCPA Editora, 2018.
16. HONORA, A.C.C. **Territórios tradicionais, unidades de conservação e conflitos socioambientais: estudo de caso do Mosaico da Juréia-Itatins - SP.** 2018. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100134/tde-13122018-090321/pt-br.php>. Acesso em: 2024-04-18.
17. IPEAFRO. IPEAFRO.org.br Adinkra. Disponível em: <<https://ipeafro.org.br/acoes/pesquisa/adinkra/>>. Acesso em Novembro 2024
18. NASCIMENTO, A. **O Quilombismo.** 2ª ed. Brasília/ Rio: Fundação Cultural Palmares/OR Editora, 2002.
19. NASCIMENTO, A. **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra.** In: RATTI, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.
20. NOGUERA, Renato; BISPO, Nego. **Dois e dois são dois: Renato Nogueira e Nego Bispo.** Amarello.<https://amarello.com.br/2022/04/cultura/dois-e-dois-sao-dois-renato-nogueira-e-nego-bispo/>
21. QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** Buenos Aires: Clacso, 2005.
22. ROCHA, J.C.S; GORDILHO. H. **Direito da terra, meio ambiente e ecologia humana: homenagem pos morte a José Luis Serrano.** Júlio Cesar de Sá da Rocha, Heron Gordilho, Organizadores. Salvador: EDUFBA, 2018.
23. SALVADOR. **Audiência pública discutiu impactos da Avenida Atlântica no Parque de Pituáçu.** Disponível em: <http://www.salvador.ba.leg.br/noticias/audiencia-publica-discute-construcao-da-avenida-atlantica>. Câmara Municipal de Salvador. 2016.

24. SANTOS, M. **Território e Dinheiro**. In: Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF. Território, Territórios. Niterói: PPGeo-UFF/AGB-Niterói, RJ. 2002. p.17.

25. SOUZA, B. O. **Aquilombar-se: panorama histórico, identitário e político do Movimento Quilombola Brasileiro**. Dissertação (mestrado) — Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 2008

26. UFRJ. Cadernos IPPUR/UFRJ/Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. – ano 1, n.1 (jan./abr. 1986) – Rio de Janeiro : UFRJ/IPPUR, 1986 –

27. VALLEJO, L. R. (2009). **Unidade de Conservação: Uma Discussão Teórica à Luz dos Conceitos de Território e Políticas Públicas**. GEOgraphia, 4(8), 57-78. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13433/8633>

28. WWF-BRASIL. **Gestão de Unidades de Conservação: compartilhando uma experiência de capacitação**. Realização: WWF-Brasil/IPÊ– Instituto de Pesquisas Ecológicas. WWF-Brasil. Brasília, 2012.

## Apêndice 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE



Universidade Federal da Bahia

Instituto de Biologia



**E**

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME  
RESOLUÇÃO Nº466/12 E 510/2016 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE

#### I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: \_\_\_\_\_

Documento de Identidade nº: \_\_\_\_\_ Sexo: F ( ) M ( )

Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ Complemento: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Telefone: ( ) \_\_\_\_\_ / ( ) \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

#### II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

**1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:** *“Comunidade na Gestão do Parque de Pituacú: Aquilombamento Urbano na Defesa do Território”*

**2. PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** Isabela da Silva Caldas Rodrigues

**Cargo/Função:** discente do Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia

#### III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

1. O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada *“Comunidade na Gestão do Parque de Pituacú: Aquilombamento Urbano na Defesa do Território”* de responsabilidade da pesquisadora Isabela da Silva Caldas Rodrigues, discente da Universidade Federal da Bahia que tem como objetivo apresentar o processo de organização do Festival Alternativo de Pituacú suas contribuições na organização tanto da comunidade do entorno, quanto da gestão do Parque e elaboração coletiva do Plano de Manejo do Parque de Pituacú.

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios para servir de exemplo bem sucedido de como a organização comunitária pode contribuir com a gestão das unidades de conservação do país. A pesquisa não possui nenhum objetivo financeiro e os resultados só serão usados para comunicar outros pesquisadores estudiosos do assunto, revistas relacionadas à universidade e cartilhas gratuitas de divulgação sobre as formas de inserção das comunidades do entorno na gestão das áreas preservadas nas cidades. Caso aceite o(a) Senhor(a) participará de uma entrevista individual que durará aproximadamente meia hora. A entrevista será para preenchimento de um questionário previamente elaborado, entretanto, apenas para registro e comprovação documental, sendo o questionário preenchido, apenas da análise dos dados obtidos. Utilizaremos o trabalho final como parte do objeto de pesquisa, que frisamos ser sem fins lucrativos e sem nenhum ganho financeiro envolvido. A parte da pesquisa que irá participar será apenas a entrevista e coleta de fotos/imagens de vídeo, quando possível, pela estudante Isabela da Silva Caldas Rodrigues do curso de Bacharelado em Biologia da Universidade Federal da Bahia. Devido a coleta de informações o(a) senhor(a) poderá achar que determinadas perguntas incomodam a você, porque as informações que coletamos são sobre suas experiências pessoais. Assim você pode escolher não responder quaisquer perguntas que o façam sentir-se incomodado(a). Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo, portanto o(a) Sr(a) não será identificado(a). Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.

Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o(a) Sr(a) caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade Federal da Bahia, de acesso livre à comunidade e que desenvolve reuniões mensais para apreciação de protocolos de pesquisa oriundos da comunidade UFBA e de demais pesquisadores (as) de áreas diversas. Este colegiado interdisciplinar e independente foi criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Os riscos associados á realização das entrevistas são mínimos, tais como o incômodo em responder as perguntas e as contribuições dadas poderão ser utilizadas para melhorar o conhecimento sobre a organização comunitária e a gestão de unidades de preservação. Caso haja danos decorrentes dos riscos previstos, a pesquisadora assumirá toda responsabilidade pelos mesmos. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa, e que esta pesquisa será realizada respeitando a autonomia do indivíduo, a privacidade, a beneficência, a não maleficência, a justiça e equidade, garantindo assim o zelo das informações e o total respeito aos indivíduos pesquisados. O (a) senhor (a) receberá uma cópia de igual teor deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Informamos também que o (a) senhor (a) terá acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado, bem como garantimos também que o (a) senhor (a) terá do acesso aos resultados da pesquisa assim que esta for finalizada.

**V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS**

**PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL:** Isabela da Silva Caldas Rodrigues

**Endereço:** Rua Dina Sfat 121 Bloco 11 Ap 203, Boca do Rio **Telefone:** (71)993220041, **E-mail:** bela\_biologia@hotmail.com.

**Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/EEUFBA** Escola de Enfermagem da UFBA, Rua Augusto Viana SN, 4º andar da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, Bairro do Canela, Salvador Bahia. Horário de funcionamento de segunda a sexta feira das 11 às 15h, contato telefônico (071) 32837615 e de e-mail do CEP (cepee.ufba@ufba.br).

**Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End:** SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

**V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO**

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa *Comunidade na Gestão do Parque de Pituacú:*

*Aquilombamento Urbano na Defesa do Território”* e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário(a) consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a mim.

Salvador, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024

---

Assinatura do participante da pesquisa

---

Assinatura da pesquisadora discente

---

Assinatura da professora Orientadora

**Apêndice 2 – Instrumento de pesquisa**

**Universidade Federal da Bahia**

**Instituto de Biologia**



**INSTRUMENTO DE PESQUISA**

**Bloco 1 – Sócio Econômico**

1- Nome: \_\_\_\_\_

2-Faixa de Idade

- ( ) 20-30 anos ( ) 31-40 anos ( ) 41-50 anos ( ) 51-60 anos  
 ( ) mais de 60 anos

3-Qual a sua cor/ etnia?

- ( ) Preta ( ) Parda ( ) Branca ( ) Amarela ( ) Indígena \_\_\_\_\_

4-Ocupação: \_\_\_\_\_

**Bloco 2 – Sobre o Parque**

5- Você frequenta o Parque de Pituacú? Desenvolve ou já desenvolveu alguma atividade no Parque? Qual?

\_\_\_\_\_

6– Você está vinculada(o) a alguma instituição que se relaciona com o Parque de Pituacú?

( ) Sim ( ) Não

(caso sim) Sua instituição tem quantos anos de funcionamento? \_\_\_\_\_

Ela está formalizada? Há quanto tempo? \_\_\_\_\_

7- Você acha que a comunidade pode contribuir com a Gestão dos Parques? Como?

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

8- Você acredita que é possível uma gestão articulada entre Órgãos do Estado, Empresas e Comunidades para o Parque de Pituacú? Como?

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**9--** Você conhece/participa do Conselho Gestor do Parque? Acha que ele representa as comunidades do entorno?

---

---

---

---

**10 –** Você conhece o Plano de Manejo do Parque de Pituaçú? Participou da elaboração dele?

---

---

---

**11–** Você conhece o Festival Alternativo de Pituaçú? Já participou de alguma edição?

---

---

---

**12-** Você conhece a Rede Afetiva de Pituaçú? Se relaciona com ela?

---

---

---

**13 –** Você conhece alguma ação ou produto que aconteceu no parque e em seu entorno a partir da realização do Festival Alternativo de Pituaçú?

---

---

---

**14 –** Você acredita que é possível se relacionar com outros Parques urbanos de Salvador? Como? Participa/ou participou de alguma ação articulada?

---

---

---

## Anexo 1- Manifesto do Movimento Pituaçu em Rede Afetiva

### Qual o Bairro Você Deseja com Arte ou Violência?

O que há por trás do nosso Festival? É apenas uma festa que fazemos em três dias do ano? Seria só o momento onde festejamos, protestamos, mostramos nossa arte e cultura e depois seguimos nossos caminhos, guardando boas lembranças e ansiando pelo ano que vem? O que há além do espetáculo?

Temos como princípio de ação transformar a comunidade, num ambiente de aprendizagem através da construção participativa de processos educativos em rede, visando, assim, fomentar uma cultura de cidadania e sustentabilidade onde o ato de educar torna-se responsabilidade coletiva.

Entendemos que **espaços públicos socioambientais** como o Parque de Pituaçu são essenciais na construção de uma realidade sustentável e manutenção da qualidade de vida na cidade, além de potenciais espaços de sociabilidade. Porém, um consistente **zelo pelo território** necessita uma esfera pública culturalmente internalizada e a sustentabilidade da sociedade clama pela saúde das relações dos seres humanos entre si e dos seres humanos com o seu meio-ambiente num equilíbrio sistêmico.

Entendemos que a dinamização de um espaço público ambiental e cultural passa pelo diálogo direto e propositivo com seu território numa conexão dialética de **construção participativa** de um projeto político local. Assim, todas as ações do nosso Festival Alternativo estão atreladas à construção participativa de um **projeto político-pedagógico** para o bairro de Pituaçu, em estreito diálogo entre instituições locais que mobilizam a população para a arte e a cultura.

Compreendemos **a arte, a cultura e o meio ambiente** fatores essenciais e inadiáveis para a construção de uma sociedade sustentável. Compreendemos também, que atualmente o mundo passa por uma crise educacional relacionada ao modelo praticado nas escolas, que vem perdendo a capacidade de dar respostas convincentes aos desafios dos efeitos complexos

da globalização na contemporaneidade. A arte, unida a uma educação social nos parece uma salutar alternativa na construção de um novo projeto político-pedagógico para a sociedade.

Nosso bairro é nossa escola. A educação não pode estar limitada por muros e grades. Nossa educação está nas nossas mãos e nas mãos de todos que daqui pra frente procuram se responsabilizar pelo destino da sociedade. Como o efeito de uma pedra jogada na lagoa, buscamos um Projeto Político Pedagógico trabalhado de forma participativa. Como educadores que somos, procuramos nos mobilizar para gerar um processo formativo em rede no território, entendendo que este passa pela nossa união, em primeiro lugar.

Nós temos um parque belíssimo em nosso território e que pode ser considerado patrimônio de toda a humanidade por sua importância ambiental. Porém, se esse patrimônio de nada serve ao desenvolvimento local, a uma melhor qualidade de vida das pessoas que o vivenciam no cotidiano, ele está pronto pra deixar de existir. O verdadeiro patrimônio são as pessoas e nós consideramos que **nossas crianças são o nosso principal patrimônio**.

Antes do passado ou do futuro, elas são o nosso presente. O bairro de Pituaçu tem peculiaridades culturais e identitárias facilmente, e prazerosamente, visíveis e confluentes com os **fazerem em rede**, como funciona nas comunidades ancestrais, de **raízes negras e indígenas**, das quais somos formados.

Muitos movimentos interessantes, que compõem uma potencial rede multiplicadora, vêm combatendo, **através da arte e da educação**, a cultura de violência que assola a cidade de Salvador. Porém sentimos a necessidade de estreitamento desses laços em um único projeto político-pedagógico em comum. Cada experiência, apesar de dialogar entre si e **se reconhecer no bairro**, dificilmente reunia-se para ações em comum, senão de forma pontual, através das afinidades. Queremos ir além das afinidades e tocar no que realmente há de intrinsecamente público na cultura: **as trocas de diversidades**.

Somos o Pituaçu em Rede, um movimento dos grupos e indivíduos culturais, sociais, artísticos e educacionais, a fim de se integrar e gerar uma poderosa ação conjunta no território do bairro de Pituaçu. Somos assim, porque entendemos que chegou a hora de investirmos em outra uma política.

Nossa conexão é especial porque se instalou baseada num outro **paradigma micropolítico**: na solidariedade, na generosidade, no apoio mútuo, na autogestão e na **ação direta**.

Somos pessoas de ação, que já vêm realizando algo sem esperar pelas dádivas inexistentes da macropolítica corrupta e indigesta. Assim, vamos construindo uma nova criação de realidade, em que deixamos de ser vítimas passivas do sistema. Passamos a simplesmente viver e realizar o que nos cabe dentro de nossos sonhos. Percebemos que somos um, que juntos somos fortes e vigorosos e que podemos conquistar até o impossível.

**Paramos de resistir** por debaixo da pressão do sistema, tomando suas lapiadas e gritando para que parem de nos explorar.

**Passamos a reexistir** cotidianamente, com a básica agenda do amor nas nossas relações, cultivando respeito às nossas diferenças em busca de um bem maior.

Não estamos sós **somos corpo-território**, aquilombado, em fazeres unidos, e estaremos sempre aqui re-existindo e defendendo, com amor e arte, a comunidade que acreditamos!

**Somos o Movimento Cultural Pituaçu em Rede Afetiva**

**Anexo 2 – Plano de Manejo do Parque Metropolitano de Pituaçu**  
Resolução 5091/2022